

A Quarta Tentação

Ano A - Quaresma - 1º Domingo

Mateus 4,1-11

1. Das cinzas ao fogo de Páscoa!

Com a Quarta-feira das Cinzas começámos um tempo especial e particularmente importante para as nossas vidas. Volta todos os anos, parece repetir-se, como as estações se repetem, mas na realidade é sempre diferente porque nunca nos encontra como no ano anterior e é o portador de uma nova graça para cada um de nós. Este período chama-se **Quaresma** (de *quadragesima*, 'quarantesimo' dia antes da Páscoa) e assim indica a sua duração de quarenta dias.

Quarenta é um **número bíblico rico em simbolismo**. Encontramos vários acontecimentos ligados a este número, mas recordamos particularmente os quarenta anos da marcha de Israel no deserto, os quarenta dias da viagem do profeta Elias ao Sinai, os quarenta dias dados a Nínive para se converter e os quarenta dias de Jesus no deserto, entre o seu baptismo e o início do seu ministério, um período decisivo para a sua missão messiânica.

Para onde nos leva esta viagem? Em direcção à Páscoa, o centro e a força motriz da nossa fé. É uma viagem que **parte das cinzas**, símbolo dos sonhos desfeitos de uma vida fatigada, e vai em direcção ao **fogo primaveril da aurora da Páscoa**, promessa de renascimento e esperança reavivada. O fogo está vivo sob as cinzas, mas só o sopro do Espírito do Ressuscitado as pode varrer.

Os **quarenta dias são calculados** desde a Quarta-feira de Cinzas até ao Domingo de Ramos, o início da Semana Santa. Existe uma ligação subtil entre eles porque as cinzas foram feitas a partir dos ramos queimados dos ramos do ano anterior. Na realidade são 39 dias de acordo com a nossa forma de contagem, mas quarenta para a forma bíblica de cálculo, que inclui o primeiro e o último da série. Outra forma de calcular os quarenta dias da Quaresma exclui os domingos da contagem, que têm sempre uma conotação de Páscoa, pelo que vai da Quarta-feira de Cinzas ao Domingo de Páscoa. Depois liga-se aos cinquenta dias do tempo da Páscoa.

2. A montanha alta da tentação

Procedemos de princípio em princípio. A vida do cristão terá sempre o sabor e a paixão do princípio. Quando não o tem, há motivos de preocupação. **Hoje, com Jesus, somos levados pelo Espírito para o deserto, para sermos tentados pelo diabo**. Claro que já provámos a experiência da tentação muitas vezes, mas desta vez será diferente. Não estaremos sozinhos perante a serpente ancestral, a mais astuta, que nos despojou do nosso esplendor de filhos. Desta vez estaremos atrás *do mais forte, que esmagará a sua cabeça*.

Todos os dias pedimos ao Pai que *não nos abandone à tentação*, mas desta vez ele não nos ouvirá. Este período de Quaresma será um tempo de provação. *O Pai quer que nós, no ginásio, com o seu Filho, aprendamos com ele a expulsar a serpente, a driblar os seus movimentos mortais, e a derrotá-la*.

Este ciclo de provas terminará numa montanha, **a primeira das sete do evangelho de Mateus**. *O diabo levar-nos-á até uma montanha muito alta e mostrar-nos-á todos os reinos do mundo e a sua glória...* Esta montanha não é desconhecida para nós, nem estes reinos do mundo e a sua glória, que tantas vezes nos deslustraram com o seu sedutor encanto. Esta montanha **contrapõe-se com a sétima montanha que encerra o evangelho de Mateus, a montanha da missão**, onde Jesus diz: *"Todo o poder no céu e na terra me foi dado,"* e os seus discípulos adoram-no para depois descerem para evangelizar o mundo (Mateus 28,16-20).

3. As três tentações cardeais

Três são as tentações a que Jesus - e nós com ele - está sujeito. Elas são o compêndio ou matriz de todas as tentações da vida humana. É por isso que eu diria que elas são as **três tentações cardeais**,

fundamentais para cada tentação, e que são de alguma forma opostas às **três virtudes cardeais**: fé, esperança e caridade. Quais são estas três tentações que são a madrasta de todas as outras? Eu defini-las-ia com três **Ps: Pão, Prestígio e Poder!**

A primeira, a tentação do **PÃO**, diz respeito à satisfação das nossas necessidades básicas e à **nossa relação com os bens da terra**. Uma má relação com os bens corrói a nossa **FÉ** no Pai, de quem esperamos com confiança pelo pão quotidiano. A Igreja propõe o exercício quaresmal do **jejum** (daquele bem que mais nos tenta!) para curar a nossa relação com as **coisas**.

A segunda, a da busca do **PRESTÍGIO**, é a tentação que incha o nosso *ego*, que nos impele a fazer um nome para nós mesmos e nos impede de *santificar o nome de Deus*. É uma relação doentia **connosco próprios** que compromete a virtude da **ESPERANÇA**. De facto, as pessoas tendem a depositar a sua confiança em si próprias, acabando por atrair a maldição sobre si mesmas: "*Maldito o homem que confia no homem*" (Jeremias 17:5). A Igreja propõe o exercício da **oração** e a frequência da **Palavra de Deus** para corrigir esta relação tóxica connosco próprios.

A terceira, o **PODER**, é a **tentação mais perigosa** porque nos leva a colocar os **outros ao nosso serviço**. Não se procura *o Reino de Deus e a sua vontade*, mas procura-se construir o nosso próprio reino e submeter os outros à nossa vontade. Opõe-se à virtude da **CARIDADE**. É a **tentação do anti-Cristo** que se opõe a Deus que é amor e serviço. Espontaneamente pensamos que esta tentação não nos diz respeito. Na verdade, não é fácil de desmascarar. É uma tentação tão insidiosa como sub-reptícia. Pode apresentar muitas faces. Enumero sete tipos: o poder **político**, da função ou serviço que exercemos; o poder do **conhecimento**; o poder **económico**; o poder do **fascínio** sobre os outros; o poder **sentimental** que manipula os afectos; o poder **mediático** que manipula as opiniões; o poder **religioso** que manipula as consciências... Somos todos, de uma forma ou de outra, tentados por este dragão de sete chifres! Descobrir o nosso tipo é de importância vital. A Igreja propõe-nos o exercício particular da **caridade** para combater esta tentação.

4. A quarta tentação e o seu segredo

Se há três tentações, cada um de nós tem uma tentação particular dominante onde a nossa vulnerabilidade se manifesta, uma brecha nas nossas defesas ou uma passagem secreta conhecida do Inimigo, a serpente, de onde ele pode facilmente infiltrar-se nos nossos corações. *Conhecer esta quarta tentação é da maior importância para recuperar a liberdade.*

Mas há mais! Muitas vezes essa fraqueza esconde um segredo que nos escapa, mas que o Inimigo conhece bem. Por detrás dessa fraqueza esconde-se uma energia, como uma fonte subterrânea inesgotável, não reconhecida ou não aceite, e, portanto, reprimida, que é desviada para outro canal, que o Inimigo se encarrega de poluir. Por detrás desse caudal que tentamos em vão tapar, existe provavelmente uma potencialidade, um recurso à espera de ser identificado e abordado para trazer uma nova vitalidade à nossa vida humana e espiritual.

Aqui está outro exercício e um desafio verdadeiramente estimulante para a nossa Quaresma!

P. Manuel João, comboniano

Castel d'Azzano (Verona), 23 Fevereiro 2023